



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

GÊNERO E VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES EM CONTOS DA LITERATURA BRASILEIRA: LEITURA E ENSINO EM PERSPECTIVA

AUTORA: Caline Dantas da Silva

(Universidade Estadual da Paraíba)

E-mail: calinesilva63@gmail.com

COAUTOR: Leandro Rodrigues de Souza Azevedo

(Universidade Estácio de Sá)

E-mail: leandrobrasil.falecomigo@gmail.com

Profa. Dra. Kalina Naro Guimarães

(Universidade Estadual da Paraíba)

kalinaro@gmail.com

Resumo: Nas últimas décadas, as mulheres vêm conquistando independência e lugares importantes em espaços públicos. Contudo, apesar de alguns avanços, a igualdade de gênero ainda está distante no horizonte de nossa sociedade, marcada profundamente pela misoginia e pela violência simbólica e física contra as mulheres. A literatura é um dos espaços nos quais as relações de gênero são representadas e discutidas de modo crítico. A partir do conceito de gênero (CONNEL, 2015; SCOTT, 1995; BEAUVOIR, 1970) e de discussões sobre mulher, feminismo e literatura (XAVIER, 1991; 1998), este artigo pretende debater a representação de gênero e da violência contra as mulheres no conto da literatura brasileira de autoria feminina, a saber: “Venha ver o Pôr-do-sol”, de Lygia Fagundes Teles (1997). O artigo apresenta, além da crítica literária do corpus numa perspectiva comparativa e mediante a base teórica citada, estratégias para trabalhar com esse conto no Ensino Médio, fornecendo sugestões didáticas a fim de estabelecer um ensino comprometido, por um lado, ético e politicamente, no sentido de possibilitar a construção de uma sociedade mais justa e igualitária; por outro, comprometido com preceitos teórico-metodológicos dos documentos oficiais (OCEM, 2006; Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba, 2007) e do letramento literário (COSSON, 2009; 2014).

Palavras-chave: Representação de gênero, Violência, Conto, Ensino de literatura.

Considerações iniciais

O pesquisador Cosson (2014), ao constatar as carências ligadas à “falência do ensino da literatura” e o “desaparecimento ou mais precisamente o estreitamento do espaço da literatura na escola”, fornece sugestões teóricas e metodológicas para o ensino de Literatura a partir do letramento literário. Para o autor, o processo de letramento na escola só é concebido a partir da

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br



leitura efetiva de textos literários, que, como prática social, propicia os instrumentos necessários para conhecer com proficiência o mundo feito linguagem.

Dessa maneira, a proposta de letramento literário assume um papel indispensável na escola, ou em qualquer processo de letramento disseminado na sociedade. Assim, o letramento literário sugere ampliar a educação literária que é oferecida no Ensino Médio tendo por objetivo proporcionar ao discente “o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura” (COSSON, p. 35).

Pensando nesse processo de letramento literário que possibilita realizar uma leitura literária crítica sobre as obras, propomos nesse artigo fornecer uma proposta de trabalho para o Ensino Médio com textos literários da autoria feminina que apresentam temáticas envolvendo as representações de gênero e a violência contra as mulheres. É importante tratar dessa questão na escola, tendo em vista que ainda vivemos numa sociedade patriarcal, que oprime físico e simbolicamente as mulheres, nas esferas pública e privada. Assim, explorar a literatura a partir desse viés e por meio de textos de autoria feminina é fundamental para ler criticamente esse problema, pois, na esteira de Elódia Xavier (1991, p.14), a literatura de autoria feminina faria “anular a uniformidade do discurso do poder e de modificar as relações sociais”.

Nessa perspectiva, o presente trabalho visa discutir as personagens Raquel, do conto *Venha ver o Pôr-do-Sol*, da paulistana Lygia Fagundes Teles (1995). Buscamos debater sobre as figuras femininas, por meio de uma perspectiva comparativa e mediante a base teórica a respeito da mulher e do gênero (BEAUVOIR, 1970; CONNELL & PEARSE, 2015), problematizando a violência contra as personagens femininas. Para além da crítica literária, propomos estratégias para trabalhar com esses contos no Ensino Médio, fornecendo sugestões didáticas a fim de estabelecer um ensino comprometido, por um lado, ético e politicamente, no sentido de possibilitar a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Assim, tais análises podem nos oferecer um panorama da “condição feminina” problematizada por questões de gênero já que a mulher é alvo de políticas que, na maioria das vezes, visam controlar seus comportamentos e suas vidas, mesmo que nas últimas décadas temos assistido a um avanço político nas questões dos direitos das mulheres, em várias culturas do mundo. Nos vários espaços sociais, as mulheres vêm conquistando seus lugares e direitos. No entanto, para além de políticas públicas que tornam relevantes e propiciam esses direitos, a subjetividade e a identidade permanecem ainda estigmatizadas, pois as mulheres são alvo de preconceito visto que a maioria da nossa sociedade ainda não conseguiu superar os modelos patriarcais nem suas atitudes



machistas e de misoginia.

Fundamentação teórica

Entender a suposta ‘superioridade’ dos homens em relação às mulheres no esboço do contexto histórico da humanidade é indispensável para compreensão das consequências que isso acarreta até hoje. Embora a mulher do século XXI recuse o viés de submissa e recatada, nossa sociedade ainda é preconceituosa e patriarcal no papel dela, pois essa sociedade ainda acredita que pode e deve controlar a vida dessas mulheres.

Com efeito, o homem sempre esteve em uma situação privilegiada em relação à mulher, ocupando sempre as instâncias de poder, sejam elas políticas ou familiares, enquanto as mulheres eram responsáveis por cuidar do lar e dos filhos. Segundo Simone Beauvoir (1970, p.14) “a mulher sempre foi, senão a escrava do homem ao menos sua vassala; os dois sexos nunca partilharam o mundo em igualdade de condições”.

Considerando essa percepção de desigualdade e desprestígio da mulher que coincide ao longo da história, Connell & Pearse (2015, p.101-102) preconizam que:

As mulheres são cuidadosas, influenciáveis, comunicativas, emocionais, intuitivas e sexualmente leais; os homens, agressivos inflexíveis, taciturno, racionais, analíticos e promíscuos. Essas ideias têm sido amplamente difundidas nas culturas de origem europeia desde o século XIX, quando a crença de que as mulheres têm o intelecto mais fraco e menos capacidade decisória do que os homens.

A partir da explanação das autoras, percebemos o quanto as mulheres são marcadas por pressupostos e estereótipos, que desprestigiam os seus sentimentos e sua capacidade decisória. Em relação a esse último, a compreensão generalizada e premeditada da mulher em ter “menos capacidade decisória” resultou na ideologia que a mulher “faz parte do patrimônio do homem, primeiramente do pai e em seguida do marido” (BEAUVOIR, 1970, p.103). Dessa forma, a mulher, em toda sua trajetória, tem sua vida controlada por uma sociedade machista, que acredita poder dominá-la.

Nesse sentido, as diferenças entre homens e mulheres surgem a partir das desigualdades com fim de dominação, de modo que:

Pertencer ao sexo feminino tem sido motivo para que as mulheres sejam discriminadas e oprimidas. Os papéis sociais são construídos a partir da definição de uma identidade masculina e feminina que valoriza o homem e desvaloriza a mulher. Esta situação justifica uma desigualdade entre homens e mulheres, tornando-a invisível, como se as diferenças fossem naturais. (SILVA, 2004,p.32).

No atual momento histórico social, a sociedade legitimou essas ideias sobre o que é “ser homem” e o que é “ser mulher” estabelecendo como devem ser comportar e agir. Nesse contexto,



mediante essa ideologia sexista, a sociedade impede que a mulher, na maioria das vezes, se torne independente quanto às suas escolhas, restringindo-as ao que espera o sistema social, não rompendo, portanto, o *status quo* do gênero.

Quando as mulheres se opõem à dominação masculina e buscam sua própria independência, assumindo-se feministas, elas podem ser desrespeitadas pela sociedade e por seus companheiros, por exemplo. Nesse último caso, são fartos os relatos e notícias em que as mulheres são vítimas de agressões físicas e simbólicas no próprio espaço familiar. Além disso, muita delas são vítimas de crimes passionais, culminando em sérias agressões ou até mesmo na morte.

Mesmo com a sanção da Lei Maria da Penha, em 2006, que propõe estratégias sobre os direitos e liberdade da mulher, ainda são alarmantes os casos de violência contra a mulher, seja física ou verbal, cometida por ex-companheiros que não estão satisfeitos ou não aceitam o término de um relacionamento. Nesse sentido, percebemos que o país ainda não consegue garantir o direito de liberdade às mulheres ameaçadas ou violentadas por seus companheiros.

Esta violência, também chamada de violência doméstica, é fruto de uma posição sócio histórica, pela qual a mulher é vítima não só do agressor, mas de uma prática de dominação masculina arraigada, sob o símbolo da naturalidade, no meio social. Desta forma, Connel & Pearse (2015, p. 34-35) aludem que:

A maioria das mulheres do mundo, especialmente as que têm filhos, é economicamente dependente dos homens. Alguns homens acreditam que as mulheres que dependem deles são sua propriedade. Esse é um cenário comum da violência doméstica: quando as mulheres dependentes não aceitam as exigências de seus maridos ou namorados, são surradas. (p. 34-35)

Posicionamentos como esses, apresentado pelas referidas autoras, “ecoam” na sociedade de hoje. Os discursos mudaram, mas os pensamentos retrógrados e as atitudes de alguns indivíduos não sofreram as alterações devidas e necessárias. A violência, silenciada ou negada por alguns, persiste e, quando denunciada, há quem levante a voz para compreender esse ato legítimo como “vitimismo”, negando o machismo estrutural evidente em nossa sociedade e as constantes agressões contra as mulheres.

Deste modo, não existirão mudanças enquanto a sociedade cultivar pensamentos à maneira de Aristóteles (*apud* BEAUVOIR, 1970, p. 10): "A fêmea é fêmea em virtude de certa carência de qualidades"; "Devemos considerar o caráter das mulheres como sofrendo de certa deficiência natural". Dessa forma, faz-se necessário que a sociedade perceba que a mulher não é uma “deficiência da natureza” ou “um homem incompleto”, mas sim um ser semelhante, capaz de



exercer concomitantemente o mesmo papel social que os homens.

Nesse contexto, é que as discussões em torno do conceito de gênero ganham ênfase. Para Scott (1995), o gênero comporta duas posições: ele constitui as relações sociais, a partir do modo como são percebidos e hierarquizados os sexos; e dá significado as relações de poder. Dessa maneira, afasta-se da concepção de gênero qualquer perspectiva essencialista, que faz das diferenças biológicas pauta central na explicação das desigualdades entre homens e mulheres. Por conseguinte, homens e mulheres ocupam posições sociais e são percebidos de maneira diferente, não porque questões de biologia, mas devido à construção histórico, social e cultural mediada pelo poder.

A violência no conto Venha ver o Pôr-do-Sol

A violência contra a mulher também está presente em nossa literatura. Há diversos registros de violência contra a mulher em obras que fazem alusão aos comportamentos patriarcais e tradicionais da sociedade brasileira. Nesse trabalho, enfocamos tal violência especificamente no conto “Venha ver o Pôr-do-Sol”, escrito em 1995, pela paulistana Lygia Fagundes Teles.

Essa escritora atravessou períodos mais revolucionários da luta feminista e até a atualidade busca amadurecer suas obras a partir das particularidades da condição e das questões femininas. Dessa maneira, suas obras literárias procuram “denunciar” qualquer tipo de estereótipos e pressupostos relacionados à figura feminista. Dentre eles: a opressão, a violência e os crimes passionais, além de combater conceitos de dominação masculina que são colocados como naturais à sociedade.

Elódia Xavier ao iniciar seu livro “Tudo no feminino: a mulher e a narrativa brasileira contemporânea”, afirma que:

A leitura de grande parte das narrativas de autoria feminina, produzidas de 1960 para cá, revela, entre outras coisas, características comuns, que, de forma alguma, anulam a originalidade artística de cada uma. A condição da mulher, vívida e transfigurada esteticamente, é um elemento estruturante nesses textos; não se trata de um simples tema literário, mas da substância mesma de que se nutre a narrativa. A representação do mundo é feita a partir da ótica feminina, portanto, de uma perspectiva diferente (para não dizer marginal), com relação aos textos de autoria masculina. (1991, p. 11)

Por essa vertente, podemos afirmar que Teles em sua obra busca não uma batalha de mulheres contra homens, mas denunciar a ideologia que se ‘consolidou’ ao longo da história e tornou as mulheres inferiores e subordinadas a uma sociedade preconceituosa e patriarcal.

Deste modo, analisamos o conto buscando compreender, de forma comparativa, a



protagonista da narrativa, que se desenvolve a partir de relações possessivas e violentas. Publicado em 1970, o conto “Venha ver o Pôr-do-Sol” faz parte da coletânea *Antes do baile verde* e narra, explorando o suspense e o mistério, o último encontro dos personagens Raquel e Ricardo, que são ex-namorados. No decorrer da história percebemos que a personagem Raquel, agora uma mulher muito elegante, havia abandonado Ricardo no passado por um homem mais velho. Ricardo, insatisfeito com o fim do namoro, convida Raquel para um encontro, para pôr em prática seu plano vingativo e obsessivo. Raquel, embora comprometida com um homem ciumento, vai ao encontro de Ricardo.

Como especificidade do gênero, o conto se caracteriza por “condensar conflito, tempo, espaço e reduzir o número de personagens” (GANCHO, 199, p. 6). Dessa maneira, o conto “*Venha ver o Pôr-do-Sol*” não foge da expectativa do gênero, possuindo apenas duas personagens, que se movimentam num espaço delimitado e numa curta duração de tempo, produzindo uma narrativa enigmática e cativante. Assim, no início da leitura, o narrador faz o leitor acreditar numa possível tentativa de reaproximação de Ricardo com Raquel, no entanto, as observações sobre espaço, “o velho muro arruinado”, “Cemitério abandonado”, problematizam essa primeira leitura e leva o leitor a duvidar das intenções do jovem.

Outro fato importante são as mutáveis expressões fisionômicas de Ricardo, como podemos observar “Ele riu entre malicioso e ingênuo”; “inúmeras rugazinhas foram-se formando em redor dos seus olhos ligeiramente apertados. Os leques de rugas se aprofundaram numa expressão astuta. Não era nesse instante tão jovem como aparentava. Mas logo sorriu e a rede de rugas desapareceu sem deixar vestígio” (TELLES, 1970, p. 28). Com isso, o narrador vai apresentando, através dos gestos de Ricardo, alguns indícios pelos quais é possível inferir as más intenções deste personagem. A escolha do espaço já é significativa, tendo em vista que o cemitério não é um lugar propício e nem comum quanto ao encontro de amantes.

Nesse sentido, através das descrições apresentada pelo narrador, o leitor encontra vestígios e um personagem vingativo. Em consonância disto, Beth Brait (1985, p. 67) preconiza que para “a construção de uma personagem, o conjunto dos traços que compõem a sua totalidade permite inúmeras leituras, dependendo da perspectiva assumida pelo receptor, dos códigos utilizados em determinados momentos para a viabilização dessas leituras”.

Ao longo do enredo, o narrador observador focaliza as expressões e atitudes de Ricardo. Vejamos o exemplo a seguir: “Ele apanhou um pedregulho e fechou-o na mão. A pequenina rede de rugas voltou a se estender em redor dos seus olhos. A fisionomia, tão aberta e lisa, repentinamente



escureceu, envelhecida. Mas logo o sorriso reapareceu e as rugazinhas sumiram” (TELLES, 1970, p.29). Para esse tipo de situação Brait afirma que “O narrador em terceira pessoa simula um registro contínuo, focalizando a personagem nos momentos precisos que interessam ao andamento da história e à materialização dos seres que a vivem”.

É importante observar que, durante a narrativa, Raquel se comporta como uma moça sem autonomia e completamente desatenta às expressões de Ricardo. Assim, apesar das suas inquietações e repugnâncias quanto ao ambiente, Raquel como um ser frágil e obediente a Ricardo, percorre por todo o cemitério até chegar ao jazigo, onde será palco do seu destino final.

No momento em que ambos estão chegando ao jazigo, Raquel comenta “Eu gostei de você, Ricardo”, imediatamente Ricardo a interroga “Eu te amei... E te amo ainda. Percebe agora a diferença?”. A partir da pergunta de Ricardo a Raquel, percebemos que ele tenta mostrar que os sentimentos dele por ela persistem, ao contrário dos dela, apontando uma falta, uma ausência de amor, pela qual ele a culpa, a tal ponto de querer puni-la por isso. No entanto, para não deixar transparecer sua insatisfação com a atual situação entre os dois, ele persuade Raquel com um tratamento sentimental “Já chegamos, meu anjo. Aqui estão meus mortos” (TELLES, 1970, p. 31) tranquilizando-a, para que ela não perceba seu anseio macabro.

Para realizar seu plano de morte, convence Raquel a descer as escadas e ir até as gavetas do jazigo. Ricardo, que durante a narrativa havia tratado Raquel brandamente, agora cumpre a cruel vingança aprisionando Raquel no jazigo e justifica: “Uma réstia de sol vai entrar pela frincha da porta tem uma frincha na porta. Depois vai se afastando devagarinho, bem devagarinho. Você terá o pôr-do-sol mais belo do mundo” (TELLES, 1970, p.34) esse sentido, o personagem conduziu Raquel não para ver o pôr-do-sol, mas para o término de sua vida.

É interessante observar que no conto de Lygia Fagundes Teles, o verbo “subir”, destacando o início do conto, se uniu ao verbo “descer”, formando assim na narrativa um ciclo pelo qual observamos o “fim” de Raquel: “Ela desceu a escada, encolhendo-se para não esbarrar em nada.” (TELLES, 1970, p. 26). Este desfecho retrata bem a problemática que vive algumas mulheres, em suas relações pessoais, tendo em vista que muitos são os homens que, rejeitados, preferem agredir ou matar sua companheira a seguir em frente. A exemplo disso, Ricardo, insatisfeito por não se correspondido por sua amada, transforma o seu amor em ódio, destruindo inescrupulosamente a vida de Raquel como punição por ter escolhido um novo relacionamento.

Formando leitores no ensino médio: perspectivas para a escolarização adequada da literatura a partir da sequência expandida



Sabemos que a escola deve contribuir para promover o pensamento crítico e construtivo do discente através de práticas de discussões voltadas para as práticas sociais. Para isso, buscamos por meio da literatura de autoria feminina brasileira refletir sobre a violência contra a mulher. Assim, forneceremos propostas didáticas para que os discentes possam realizar a leitura literária com mais criticidade, conduzindo-os a perceberem a intencionalidade dos textos literários.

Dessa forma, o letramento literário se refere ao processo em que a literatura é escolarizada de maneira adequada, uma vez que o centro das ações é a leitura do texto e o objetivo é a construção literária dos sentidos da obra pelo leitor. A partir do letramento, a educação literária oferecida no Ensino Médio é ampliada, pois procura formar leitores críticos e sensíveis às obras, lendo-as para além do espaço da escola, oferecendo ao discente uma maneira própria de ver e viver o mundo.

Em consonância com isso, as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2004) afirmam que o ensino de Literatura

[...] pode ser um grande agenciador do amadurecimento sensível do aluno, proporcionando-lhe um convívio com um domínio cuja principal característica é o exercício da liberdade. Daí, favorecer-lhe o desenvolvimento de um comportamento mais crítico e menos preconceituoso diante do mundo. (2004, p. 49)

Sendo assim, ao assumir esse papel social, tornando o mundo compreensível através da materialidade das palavras, a literatura tem e precisa manter seu lugar na escola. Contudo, para que a literatura cumpra papel humanizador, Cosson (2006) aponta para a necessidade de mudanças no currículo do ensino médio, para que o letramento literário se concretize e possa “garantir a função essencial de construir e reconstruir a palavra que nos humaniza” (p. 23). Diante disso, buscando contribuir para a formação de um leitor crítico, propomos a seguir um modelo de sequência para o Ensino médio, conforme o estudioso Rildo Cosson (2014), explorando não apenas o conto do nosso *corpus* de análise, mas também dois minicontos de mesma temática.

Descrições das ações:

✓ Iniciaremos a aula com imagens que circulam socialmente e buscam romper com o estereótipo construído pela sociedade patriarcal acerca da mulher, sendo elas, “branca de neve mãe”, da revista Vip; e “A mulher multitarefa”, do blog desenvolvimento organizacional e pessoal; buscando estabelecer um diálogo entre essas imagens e a charge “mulher equilibrista”, de Amâncio, para refletir sobre o papel da mulher contemporânea. – 10 min.



- **Motivação:** Preparação para a temática a ser estudada através de imagens e charge que circulam socialmente e buscam romper com o estereótipo construído pela sociedade patriarcal acerca da mulher, sendo elas, “Exploração”, do blog Universo da Mulher: o portal da Mulher inteligente leitura da charge; “A mulher multitarefa”, do blog desenvolvimento organizacional e pessoal; “Violência contra a mulher” do chargista Lor, disponível no blog lorcartunista; buscando estabelecer um diálogo entre essas imagens e charge e a notícia, “Amordaçadas, mulheres protestam na Paulista contra violência” retirada do site G1, para refletir sobre o papel da mulher contemporânea.
- **Leitura do miniconto** “Porém igualmente”, da escritora contemporânea Marina Colasanti, no sentido de discutir o problema representado (Enfatizar a figura de Dona Eulália que além de submissa é espancada até a morte; Ressaltar as condições da mulher que é subordinada pelo marido), solicitando que os alunos se posicionem e argumentam em favor de suas opiniões.
- **Breve apresentação** da escritora Marina Colasanti, enfocando o caráter feminista de muitos de seus escritos.
- **Leitura e discussão** do conto “Venha ver o Pôr-do-sol”, de Lygia Fagundes Teles, enfocando algumas questões levantadas na análise crítica apresentada neste artigo;

Contextualização:

Uma segunda leitura será feita no sentido de debater:

- **Historicidade:** Relacionar a obra com a sociedade que a gerou – contexto de produção;
- **Estilística:** buscar analisar o diálogo entre obra e com o estilo de época;
- **Poética:** estrutura e composição dos contos, enfocando aspectos estruturais do gênero (personagens, tempo, espaço, enredo, clímax e desfecho), a partir dos dois contos lidos.

Presentificadora: A obra será retomada a fim de explorar os problemas da violência contra as mulheres nos dias atuais, debatendo as temáticas: crimes passionais, violência de gênero, ciúme no relacionamento amoroso, a dominação masculina, etc..

- **Crítica:** análise de outras leituras objetivando na ampliação do horizonte de leitura da turma.
- **Expansão:** diálogo com outros textos: contos “Ela era sua tarefa”, de Marina Colasanti e a música “Domingo no Parque”, de Gilberto Gil a fim de relacionar a questão da violência presente no conto Venha ver o Pôr-do-Sol , provocando uma discussão dialógica com os discentes e ressaltando os crimes passionais presente tanto no conto como na música e no miniconto;



Interpretação aprofundada

- Estabelecer uma relação dialógica entre os contos “Venha ver o pôr do sol” de Lygia Fagundes Telles e “Porém Igualmente” e “Ela era sua tarefa”, ambos da escritora; tendo em vista que dois contos foram lidos de Marina Colasanti, os alunos serão convidados a observarem as semelhanças e diferenças de temas, visão de mundo e de forma narrativa desses textos.

Avaliação

- Observar o posicionamento dos alunos nas discussões sobre os sentidos que emergem dos contos “Venha ver o pôr do sol” e “Ela era sua tarefa”; “Porém Igualmente” e da música “Domingo no parque”, assim como sua capacidade analítica em relação à temática violência contra as mulheres.

Considerações finais

A partir da leitura dos contos, pensamos em que reflexões podemos trazer para a contemporaneidade? Por que é tão difícil para os homens aceitarem uma rejeição das mulheres? Ou que amor é esse que oprime, agredi, abusa, resultando na misoginia?

Mesmo com a luta para que os direitos das mulheres sejam respeitados, a sociedade ainda insiste em estabelecer estereótipos que estigmatizam as mulheres e as estimulam a cumprir o papel de “cuidar e servir”. Porém, em alguns casos – como ocorre nos contos trazidos na proposta didática – quando as mulheres recusam ou terminam um relacionamento amoroso, insubordinadas à vontade do homem, têm suas vidas destruídas por ex-companheiros insatisfeitos.

Dessa forma, a sequência expandida que fornecemos teve o intuito de conduzir os alunos a uma leitura mais crítica dos textos literários, propiciando-lhes condições para que eles se envolvam e discutam os temas e o modo como estes se apresentam nas obras.

A expectativa é de que o estudo centrado na leitura e debate dos textos literários permite levar os discentes a uma reflexão aprofundada sobre a violência contra a mulher, aproximando-os da literatura e dos problemas da vida, de modo reflexivo. Sendo assim, a escola como formadora de leitores, aliando aos contos de autoria feminina, pode trazer um debate enriquecedor sobre a desigualdade de gênero, defendendo que tanto os homens como as mulheres apresentam as mesmas capacidades. Portanto, a questão de gênero deve fazer parte dos currículos escolares, no sentido de que, mediante debates e reflexões, possamos construir uma sociedade mais justa e igualitária.



Referências bibliográficas

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1985.

COLASANTI, Marina. **Uma questão de educação**. In: _____. Contos de amor rasgados. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero uma Perspectiva global: compreendendo o gênero- da esfera pessoal à política- no mundo contemporâneo.**: São Paulo: Nversos, 2015.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. **Letramento Literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como Analisar Narrativas**. São Paulo: Ática, 1991.

SILVA, Antônio de Pádua Dias de. **Mulheres representadas na literatura de autoria feminina: vozes de permanência e poética da agressão**. Campina Grande: Eduepb, 2010.

TELLES, Lygia Fagundes. **Venha o pôr do Sol**. In: _____. Antologia: Meus Contos preferidos. Rio de Janeiro: Rocco, 2004, p. 26-35.

XAVIER, Elódia. **Declínio do Patriarcado**. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1998.

_____. **Tudo no feminino: a mulher e a narrativa brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1991.